

## Os paradoxos do desejo na formação do psicanalista

“Porque a Escola, seja qual for o momento em que o sujeito entre em análise, tem que pesar esse fato na balança com a responsabilidade, da qual não pode declinar, de suas conseqüências. É constante que a psicanálise tenha efeitos sobre toda e qualquer prática do sujeito que nela se engaja. Quando esta prática provém, por pouco que seja, de efeitos psicanalíticos, ele se descobre a gerá-los no lugar em que se espera que os reconheça”. (Lacan, 1971/2003, p. 241).

Voltaremos a Freud para extrair ao menos três lições: primeiro que a formação do psicanalista implica num nítido embargo à sua pessoa, segundo, este embargo depende estritamente de que o praticante se submeta a uma psicanálise, e, terceiro, que desta formação depende a possibilidade de êxito de sua operação. Curiosamente nos textos de 1912 que versam sobre a técnica, encontramos de um lado severas restrições à que o psicanalista opere

com sua pessoa, e, por outro em 1926, a constatação de que o aluno a quem ministramos instrução teórica só adquire convicção da psicanálise se sua pessoa for afetada, por aquilo que Freud chamará em nota de rodapé de *análise didática*. (1926, p.226). Anotemos a sutileza, pois que trago a pergunta se aí não poderíamos já localizar um primeiro paradoxo do desejo na formação do psicanalista. Sua pessoa serve apenas como suporte dos fenômenos singulares da transferência, mas é também esta pessoa que deve ser afetada no decurso de uma análise, de tal modo que o saldo desta operação poderia ser chamado de desejo do psicanalista.

Todavia, ao retomada este mesmo texto de 1964 com sua nota anexa, uma frase insiste em ressoar. Ao falar da análise didática Lacan diz:

“O único princípio certo a formular, ainda mais por ter sido desconhecido, é que a psicanálise constitui-se como didática pelo querer do sujeito, e que ele deve ser advertido de que a análise contestará esse querer, na medida mesma da aproximação do desejo que ele encerra”. (1971/2003, p. 240).

Trago a hipótese de que nesta formulação podemos encontrar um segundo paradoxo do desejo na formação do psicanalista. É em torno destas questões que poderemos conversar em Aracaju. Até lá!